

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: **José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



MANUEL F. DA FONSECA

DIRECTOR DA «PALAVRA»

SUMMARIO	
Texto	
Manuel Fructuoso da Fonseca (perfil). Chronica Quinzenal, por P.	por A. Jorge d'A. Coutinho Lemos Ferreira.
Secção Piedosa:—Indicador religioso da quinzena.—Evangelho.—A corôa de espinhos, por Rachel.	Boletim scientifico:—A influenza, pelo Dr ***
Questões actuaes:—Confissões insupezitas .. e graves, por A. Moreira Bello.	Retrospecto da Quinzena.
Litteratura:—A lenda do cão, por Eurico.	Bibliographia.
Secção social-christã:—Um plebiscito acerca do descanso dominical, por Pius.	Gravuras
As nossas gravuras.	Manuel Fructuoso da Fonseca.
Secção poetica:—Tarde d'outomno, poesia,	Janella da casa do Capitulo em Thomar.
	O inverno na Russia.
	O inverno na Groenlandia.
	A influenza (com uma gravura).

Manuel Fructuoso da Fonseca

(PERFIL)

Commemorando o seu 43.º anniversario natalicio, que passou no dia 13 ultimo, estampamos hoje na nossa galeria o retrato d'um dos mais sympathicos senão o mais sympathico dos jornalistas catholicos portuguezes, o ex.^{mo} sr. Manuel Fructuoso da Fonseca, director do nosso presado collega *A Palavra*.

No meio, pois, do jubilo que nos innunda ao prestarmos ao fervoroso e denodado jornalista a homenagem a que tem incontestavel jus pelos seus valiosissimos serviços prestados á causa catholica em Portugal, punge-nos devéras a alma o sabermos que ainda ha pouco fôra acommettido d'uma enfermidade, de que ao presente se acha convalescendo.

No entretanto, acalentamos a esperanza d'um completo restabelecimento, pelo que fazemos ardentés votos ao Altissimo.

A folha de serviços de Manuel Fructuoso da Fonseca é volumosa e enorme. Basta dizer que tem passado toda a sua vida no jornalismo catholico, labutando dia a dia, sem treguas, quer na *Palavra* de que é director, quer ainda no *Grito do Povo*, do qual foi o fundador e é tambem quem o dirige.

O nosso *Progresso Catholico* tambem sentiu o poderoso influxo da sua acção jornalistica, pois que o dirigiu proficientemente por espaço de alguns an-

nos, vendo-se obrigado a abandonal-o afim de assumir o cargo de director da *Palavra*.

Tem ainda Manuel Fructuoso da Fonseca o seu nome vinculado a todos os movimentos iniciados n'esta cidade para propaganda e diffusão maxima d'as doutrinas catholicas. O florescente Circulo Catholico de Operarios do Porto attesta-o brillantemente.

Não se pôde fazer ideia da energia dispendida por este intemerato campeão em prol da causa do operariado. A sua pouca robustez physica nunca o inhibiu de representar a collectividade dos operarios catholicos, onde quer que preciso fôsse, ainda que em detrimento da sua debil saude.

Pôde, pois, dizer-se com orgulho que é um homem de indiscutivel valor. Jornalista vigoroso e arguto, polemista erudito e escriptor primoroso são qualidades que n'elle avultam com brilho intensissimo.

A santa causa da Igreja muito lhe deve e deverá ainda, porque muito ha a esperar da envergadura moral, do valor jornalistico, da tempera acutissima da penna d'um dos seus primeiros jornalistas, de Manuel Fructuoso da Fonseca.

Releve-nos agora o dilecto amigo a pobreza da expressão que, se mais não é, ao menos é sincera e respeitosa.

Chronica Quinzenal

Duas noticias importantes temos para encher a presente chronica.

Uma é a da queda de Combes. A queda do apostata, porém, não surprehendeu ninguem. Já ella estava ha bastante tempo vaticinada. Quem, pois, ficou surprehendido foi o proprio Combes que não contava com o trambulhão para tão cedo.

O celebre bloco anti-clerical francez foi o proprio que lhe minou a cadeira do poder, como o provam as ultimas votações parlamentares. No entretanto, Combes, como *raposo velho*, esperava manter-se no poder, não obstante as celebres bofetadas no general André, a proposito da delação maçonica no exercito, vingado pelo infeliz Syveton, que elle *consentiu* que morresse.

O que é certo é que Paulo Doumer de accordo e coadjuvado pelos partidos da direita e varios membros que pôde deslocar do bloco conseguiu derrotar Combes, fazendo-se nomear presidente da camara em detrimento de Henrique Brisson, candidato governamental.

Contribuiu ainda para este estado de cousas a eleição do almirante Bienaimé, aclamado pelos nacionalistas de Paris em substituição de Syveton, ficando derrotado o candidato que Combes propunha.

N'esta queda de Combes é preciso notar-se que houve um movimento de reacção em que a opinião da camara propende para uma politica mais sensata, mais prudente e moderada que a que vinha sustentando Combes. Este não cahiu por qualquer questão de politica internacional ou fazendaria, senão por aquillo que foi fundamental e differencial na sua acção politica.

O anti-clericalismo foi a causa da crise. Tambem não quer dizer que esta crise se produzisse em virtude d'uma maioria catholica. Foi sómente uma circumstancia, uma especie de capitulo do anti-clericalismo de Combes que foi posto em jogo perante a camara e que fez romper o bloco, que sustentava o ministerio.

As delações levantaram em França um vento impetuoso de indignação contra os que lançavam mão de tão reprovaveis e indignos meios politicos para conseguirem os seus fins.

A Combes todos os elementos serviam logo que fôzsem anti-clericaes. Com elles constituiu o bloco e com elles governou. A situação agora, porém, é outra. A camara aprovou á evidencia que não quer a maçonaria que é a alma do bloco.

Vamos fazer a apresentação do novo procere, successor de Combes.

O presidente do novo gabinete francez é Rouvier. Este homem publico é um velho estadista de creditos já formados. Em 1887 o presidente Grevy encarregou-o de formar gabinete, ficando com a pasta da fazenda. Foi elle quem conseguiu expulsar o general Boulanger do ministerio da Guerra. Em 1889 fez parte do ministerio Tirard como ministro da Fazenda. Dois annos depois voltou a occupar a mesma pasta, presidindo tambem ao gabinete. Foi tambem ministro da Fazenda no ministerio Freycinet.

Por ocasião dos escandalos do Panamá, Rouvier foi accusado de proteger os implicados nos desvios. O suicidio de Reinach e as investigações feitas pelos tribunaes nos livros do suidida deixaram gravemente compromettida a honra de Rouvier. Este desculpou se com despezas feitas contra o *boulangismo*, mas nem por isso deixou de ser

perseguido judicialmente, sendo porém um dos beneficiados pela sentença do tribunal da Cassação nos principios de 1893.

Eis quem é o successor de Combes.

Agora occorre uma pergunta sobre qual será a orientação do novo ministerio.

Não é para esperar que o ministerio Rouvier tencione viver uma vida clerical, mas o que se affigura como certo é que, attentas todas as circumstancias, não terá vida longa este ministerio.

A questão das delações está no seu periodo agudo. Republicanos dissidentes, progressistas e nacionalistas não se contentam com que a delação não continue, pretendem, sim, que os delatores sejam castigados.

Ora aqui é que está a grande questão. Se o governo os castiga, abrirá logo brecha no ministerio que se estriba principalmente nos grupos da delação. Se os não castiga, teremos na camara uma opposição a todo o transe, á qual por certo o governo não resistirá.

Para conquistar o apoio das maiorias tem de alardear de anti-clerical como o anterior, o que aliás já fez; desmembrado, porém, como está carece do amparo das minorias a quem deve a vida, mas a quem desgosta seguindo o programma de Combes. Se quizer seguir um programma republicano moderado, não tem elementos parlamentares sufficientes. Eis a razão porque já se aventou que a França vae entrar em um periodo de ministerios ephemeros, succedendo-se uns aos outros até á dissolução das camaras.

Por noticias telegraphicas ultimamente recebidas, sabe-se que o governo approvou em conselho de ministros a separação da Igreja e do Estado, devendo esta proposta ser apresentada á sancção do parlamento na primeira occasião. Terá o governo este proposito?

Os catholicos vão-se preparando para as eleições geraes, nas quaes empregarão os ultimos esforços, pois consideram-nas como uma questão de vida ou de morte para a nação franceza. Aguardemos os acontecimentos.

Passemos agora á Russia. O grande imperio moscovita está n'um verdadeiro vulcão, e a revolução, iniciada em S. Petrsburgo, já se estende á Finlândia e á Polonia, e alastra-se cada vez mais pelas grandes e pequenas cidades do imperio.

Para suffocal-a, lança o autocrata mão da força armada, convencido de que assim a esmaga por completo. Mas milhares de proletarios cahirão ainda, as avenidas e os passeios, as ruas e os boulevards serão manchados pelo sangue generoso dos que succumbem, pugnando pelo seu direito á liberdade, primeiro que cedam dos seus direitos. As medidas de repressão, violentas e sanguinarias, não têm debellado a insurreição, que pelo contrario se alastra impetuosamente.

A pesada escravidão que jungia os russos achou agora occasião para gritar pelos seus direitos. Não queremos discutir se foi asado o momento para esse clamor de liberdade, quando o brio nacional se vê a braços com um inimigo victorioso—o Japão.

O que é certo é que no imperio moscovita se estão dando grandes acontecimentos que o chronista não deve callar.

No proximo numero fallaremos mais largamente ácerca da revolução na Russia, a qual, ao que parece, ameaça proseguir na sua marcha invasora.



Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Fevereiro

- 15—Quart. *Trasladação de S. Antonio de Lisboa. Os ss. Faustino e Jovita, Mm.*
 16—Quint. *S. Porphyrio, M.*
 17—Sext. (Abst. de carne) *S. Faustino, M. O Beato Nicolau de Longobardis, minime.*
 18—Sab. *S. Theotonio, 1.º Prior de Santa Cruz de Coimbra.*
 19—Dom. da *Septuagesima. S. Conrado, F. (Indulgencia das Estações de Roma).*
 20—Seg. *S. Eleutherio. B. de Constantinopla.*
 21—Terç. *S. Maximiano, B. Santa Angela de Merici.*
 22—Quart. *A Cadeira de S. Pedro em Roma. Santa Margarida de Cortona.*
 23—Quint. *S. Pedro Damião, B. Cardeal e Doutor da Egreja.*
 24—Sext. (Abst. de carne) *S. Mathias, Ap.*
 25—Sab. *S. Cesario, irmão de S. Gregorio Nazianzeno.*
 26—Dom. da *Sexagesima. S. Torquato, Arcebispo de Braga, M.*
 27—Seg. *S. Leandro, Arcebispo de Sevilha.*
 28—Terç. *S. Romão, Ab. Trasladação de S. Agostinho.*

Evangelho

(Dominga da Septuagesima)

O reino dos céus é semelhante a um pae de familia, o qual ao romper da manhã sahio a assalariar operarios para a sua vinha. E, feito com elles o ajuste d'um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha. E, saindo junto da hora de terça, viu que outros trabalhadores estavam na praça ociosos, e disse-lhes: «Ide tambem vós para a minha vinha, e dar-vos-hei o que fôr justo. «E elles fôram. E sahio outra vez junto da hora de sexta e junto da nôa; e fez o mesmo. E junto da undecima tornou a sahir, e achou outros que lá estavam e disse lhes: Porque estaes aqui todo o dia ociosos?» Responderam-lhe elles: «Porque ninguem nos assalariou. Elle lhes disse: «Ide vós tambem para a minha vinha.» Quando foi lá pelo cahir da tarde, disse o Senhor da vinha ao seu feitor: «Chama os operarios e paga-lhes, começando pelos ultimos até aos primeiros.»

Tendo chegado, pois, os que foram junto da undecima hora, recebeu cada um seu dinheiro. Chegando tambem os que foram primeiro, pensavam que haviam de receber mais; mas tambem elles receberam um dinheiro cada um... Assim serão ultimos os primeiros e primeiros os ultimos; porque são muitos os chamados, mas poucos os escolhidos.

(S. Matheus, XX, 1-16.)

A Corôa de Espinhos

(19 de Fevereiro)

Quando o mundo, inimigo de Christo está prestes a coroar-se de flores para sacrificar, como os gentios, ante os idolos da corrupção e da libertinagem, a Santa Egreja commemora os espinhos, symbolo dos peccados de todos os homens, com que os verdugos coroarão a sua cabeça sacratissima.

A Corôa de Espinhos do Salvador, diz-se, no volver dos seculos, foi parar ás mãos dos venezianos, que a haviam recebido de Balduino II de Constantinopla, em 1239, n'uma occasião em que este imperador se viu em apuros, não

lhe occorrendo outra sahida senão a de deixar em penhor aquella veneranda reliquia da Paixão do Redemptor.

O rei de França, S. Luiz, concedeu a somma para o resgate, e encarregou os dominicos de conduzirem a divina corôa.

Quando o monarcha soube que se avisinhavam estes religiosos, sahio ao seu encontro, até 28 kilometros para além de Sens, acompanhado da sua côrte e numeroso clero.

O precioso objecto—diz o P. de Hauterive—encerrado em um vaso de ouro, estava contido em uma caixa de prata. Aberto o vaso e vista a coroa de espinhos, todo o concurso de povo se desfz em pranto e lançou gritos de dor, como se houvesse visto o mesmo Salvador, levando aquella coroa na sua cabeça.

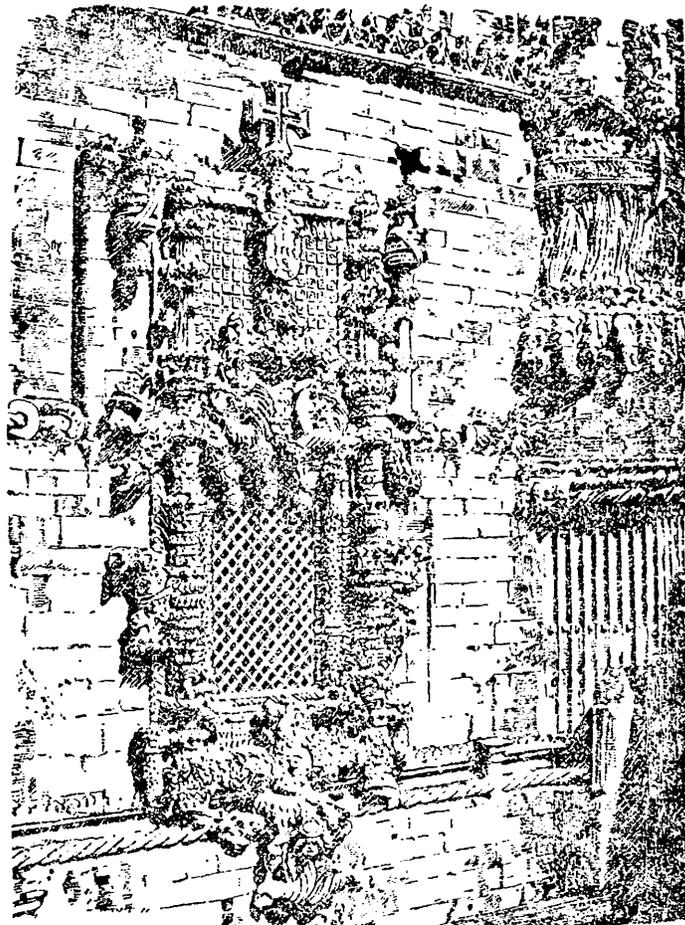
O Santo rei quiz conduzir em suas mãos aquelle precioso deposito, auxiliado por seu irmão Roberto e pelo Conde de Artois; e, revestindo-se com trages penitenciaes, de pés descalços, a levaram, seguidos da nobreza e de immenso povo, á egreja de Sens, d'onde foi trasladada a Paris, á capella do Palacio, e exposta á veneração.

Aquella santissima corôa é hoje um dos mais preciosos objectos do thesouro de Nossa Senhora de Paris; e, enquanto os fiéis a adoram no interior do sublime templo gotico, os incredulos e os libertinos vão d'aqui a pouco desfilar com os seus trages carnavalescos ante aquelles sagrados muros, buscando uma felicidade que não poderão encontrar enquanto desprezarem e olvidarem a Corôa de Espinhos de Nosso Senhor.

RACHEL.



ARTE RELIGIOSA



Janella da casa do Capitulo em Thomar

(CONVENTO DE CHRISTO)

Questões actuaes

Confissões insuspeitas... e graves

Nos primeiros dias d'este anno lia-se n'um periodico de Lisboa ⁽¹⁾ um artigo, de que cumpre sejam archivados alguns paragraphos, porque são confissões, posto que tardias, importantes e de summa gravidade. Falla da bancarrota, que diz «importaria a perda da nossa independencia», e que desgraçadamente a muitos se antolha inevitavel e unicamente questão de tempo, vista a prodigalidade e a demencia com que se desbaratam os dinheiros da nação.

«Todos sabem que a bancarrota seria uma verdadeira desgraça nacional, a completa desorganisação do nosso estado economico, e a paralyzação de todas as fontes de trabalho.

«A bancarrota que se desse agora tinha, sem duvida, mais graves consequencias do que a que já tivemos de realisar.

«Hoje, á solvabilidade do thesouro estão vinculados os mais caros interesses da patria.

«Os titulos de divida publica não existem só nas casas dos argentarios, estão tambem nas mãos de muitas pessoas dos mais modestos haveres. E assim a bancarrota seria uma derrocada completa, a miseria a invadir todos os lares».

O quadro é profundamente sombrio, mas tristemente verdadeiro. Não se trata agora de apurar a quem toca a responsabilidade de tão ameaçadora situação. Pertence mais ou menos a todos que se teem arvorado em *administradores* dos rendimentos do estado.

Para attrahir ás arcas do thesouro as economias dos particulares, pintou-se-lhes tudo côr de rosa, offreceram-se-lhes juros tentadores que depois foram reduzidos, e prometeu-se-lhes que os titulos de divida publica seriam exemptos de qualquer imposto, promessa que se infringiu, soffrendo hoje os juros das inscripções uma redução de 30 %, que de medida temporaria passou a ser permanente.

Mas ainda aqui não está o mais tenebroso do painel, nem o mais doloroso das *confissões*. Leiam :

«*O que seria dos institutos de caridade, das misericordias, dos asylos de mendicidade, das casas onde se recolhe a infancia desvalida?*

«*No dia em que se deixasse de pagar a estas instituições, ellas teriam de fechar as suas portas, ou antes abri-las, para lançar para as praças publicas os velhos, os doentes, os cegos e as creanças!*

«*Que espectáculo seria este de um paiz faminto, povoado apenas por uma innumeravel legião de desgraçados!*»

Mas que resultados se esperavam, mais tarde ou mais cedo, n'uma vida de desperdicios, das chamadas leis de *desamortisação*? Que grandes financeiros os seus auctores, que não previram, ao menos no terreno da possibilidade futura, essas terriveis calamidades! Que bella obra!

Os oradores e os escriptores catholicos, sem precisarem de grandes esforços de espirito, anteviram e expozeram lealmente os desastrosos effeitos d'essas funestas leis n'um porvir mais ou menos afastado. Porque se malsinaram as suas intenções, se ridicularisaram os seus receios, se desprezaram os seus avisos?

Nem escaparam os pobres passaes dos paroches, que ao menos poderiam fornecer-lhes, n'um dia de fome, algumas folhas de couve para um caldo mel adubado!

Mas tudo era de esperar dos *humanitarios* que despo-

jaram os frades da sua legitima propriedade, os expulsaram cruelmente das suas casas, e atiraram com elles para o seculo. para ali morrerem de fome aquelles que não tivessem quem lhes desse a esmola de um bocado de pão!

E tudo isso em nome da liberdade, do progresso e da civilisação, santo Deus!

A. MOREIRA BELLO.



Litteratura

A lenda do cão

Era d'uma vez um homem tão rico que podia medir o seu ouro ás rasas. Quando subia á mais alta torre do seu castello abrangia com a vista para cima de seis leguas de territorio. Mattas, prados, vinhas, lameiros e pinheiraes, tudo era d'elle.

Mas o coração d'este homem era duro e cruel. Quando alguém lhe fallava de Deus, punha-se a rir com um riso satânico e respondia, quando se dignava conceder a graça d'uma resposta: Ora, meu amigo; para que quero eu cá saber de Deus ou dos seus juizos? Reparem todos para mim: sou forte, sou poderoso e tenho bom appetite; sou tão rico que posso bem pagar o resgate d'um rei sem nada tirar á minha mesa nem ás minhas equipagens. Estou muito acima dos outros homens para temer qualquer cousa d'esse Deus de que me estaes a fallar. Bebamos á farta, comamos bem e façamos tudo quanto nos passe pela cabeça; mas, mais que tudo, não me venham nunca cá zumbir aos ouvidos com contos da carochinha.

A mulher d'este homem havia morrido de miseria, e em um accesso de colera expulsara elle o filho.

Um dia que se perdera na caça ouviu vozes de creanças em uma clareira. Impellido pela curiosidade, abeirou-se e viu uma duzia de gaiatos que se divertiam em atormentar um pobre cão de aspecto miseravel.

—Arreda, garotada! gritou elle com uma voz trovejante, e a grandes chicotadas dispersou o bando todo. A quem tinha o coração tão duro, acabavam de revoltar as crueldades d'umas creanças! Explique-o quem puder, mas o coração humano é assim feito.

O pobre cão estava deitado na herva, e lambia a ganir uma das patas, que estava ferida. O homem rico ia affastar-se, rindo-se comsigo do susto que havia causado aos pequenos algozes, quando, reconsiderando-se, deitou um olhar sobre o cão, que se pôz a agitar a cauda e a contemplal-o com olhos supplicantes. O homem experimentou alguma cousa que se assemelhava a curiosidade e ao mesmo tempo a piedade.

Pousou um pé no chão, e, sem mesmo saber o que fazia, fez festas ao cão e depois atou-lhe a ferida com o seu proprio lenço.—Que se hade fazer d'este animalejo? disse comsigo; poderás ao menos andar? ajuntou ainda, empurrando-o de mansinho com o cabo do chicote. O animal tentou levantar-se, mas logo cahiu a ganir.

—Vaes morrer de fome, pobre bicho! diz o caçador, e, ao pronunciar estas palavras, pega no cão pela pelle do pescoço, e põe-no deante de si sobre a sella.

Levava a intenção de atiral-o á cabeça do primeiro camponio que topasse, e folgava já, pensando na cara que lhe mostraria aquelle que fosse brindado com este presente irrisorio.

Mas não encontrou ninguém pelo caminho. Então disse comsigo que o deitaria a um barranco.

Depois, mesmo andando, passou-lhe pela ideia de conserval-o afim de saber o que succederia a esta pata quebrada. N'uma palavra, levou-o para casa, pensou-o e sa-

(1) O Jornal da Manhã.

rou-o. Uma vez curado o cão, deixou de lhe causar interesse, e expulsou-o então para as cosinhas.

O homem rico, que vivia quasi só no seu castello, começou a aborrecer-se da vida que levava, e, para se distrahir pôz se a convidar a torto e a direito todos quantos conhecia do seu jaez, e começou a jogar forte com elles. Applicou-se ao jogo com tanto ardor ou antes com tanto furor que uma bella noite perdeu, em um só lance, todo o seu ouro e bens.

Quando abandonou, ao fim d'uma tarde, o seu soberbo castello, coberto de andrajos para não ser reconhecido, revolvia na sua cabeça o mesmo pensamento que Judas quando trahiu a Jesus: tinha resolvido acabar com a vida, e pensava em uma lagoa que se dizia não ter fundo e cu-

que se havia deitado ao lado d'elle para o aquecer:—Dir-se-ha que tu comprehendes o meu pensamento. Por nada no mundo teria querido, em uma tal noite, dormir debaixo do mesmo tecto com homens!

Na madrugada seguinte, a dôce claridade do sol nascente escoava-se atravez das ramarias e fazia coruscar o orvalho nas hervas altas; as aves cantavam os louvores de Deus e agradeciam-lhe o haver-lhes dado o dom precioso da vida. Ouvia-se o murmurio dos grandes pinheiros e um aroma vivificante derramava-se por toda a floresta. O homem ergueu-se e ficou todo surprehendido por sentir-se com o coração mais leve. O cão caminhou á frente e parou diante d'uma humilde casa de aldeia. Um venerando sacerdote appareceu ao limiar, e disse com uma voz mei-



O inverno na Russia

jas aguas carregadas e ameaçadoras tinham-no feito mais p'uma vez arripiar-se á sua passagem.

Como sahisse por uma porta escusa afim de dar cumprimento ao seu designio criminoso, o cão, que elle tinha curado, veio roçar-lhe docemente pelas pernas e lambeu-lhe a mão. Então este homem, cujos olhos se tinham secado após a ruina, sentiu o coração confranger-se-lhe: sentou-se n'uma pedra e chorou. Quando se ergueu com a tenção de se dirigir á lagoa, o cão embargou-lhe o passo e pôz se a latir.—Estou sem forças, disse o homem arruinado, dirigindo-se ao cão; nem mesmo tenho vontade propria; faze de mim aquillo que tu quizeres. Sê o meu guia, que eu caminharei atraz de ti. E seguiu docilmente o cão.

Já caminhava havia muitas horas.—Estou fatigado, disse o homem; demais, é tempo de acabar com isto!... Mas o cão não lhe deu ouvidos e continuou a andar, e, por uma attracção mais forte do que a sua vontade aniquilada, o homem seguia-o sempre. Mas, á medida que o corpo se fatigava, a alma acalmava-se e não pensava já na lagoa cujas aguas escuras o atrahiam algumas horas antes.

O cão parou diante d'uma cabana abandonada no meio dos bosques. O homem entrou dentro, e amimando o cão

ga ao vagabundo: Meu irmão, que Deus te abençoe e dê a paz do coração!

—Tenho fome, disse o miseravel por unica resposta.

O padre fê-o entrar na sua humilde casa, e, sem lhe fazer uma só pergunta, deu-lhe de comer e beber.

—Muito obrigado! disse o homem quando acabou, e affastou-se bruscamente. Commovera-o a bondade do padre; mas o sentimento do reconhecimento era tão novo no seu coração que o fazia soffrer e ter vergonha d'isso.

Já a andar, passava em revista a sua vida passada; a sua alma estava triste até á morte, e, cousa estranha, esta tristeza tinha a sua deçura.

—Todavia... dizia consigo, se houvesse um Deus! e caminhava sempre, pernoitando nas granjas sobre um punhado de palha, ou nos campos ao pé das medas.

Um domingo, o cão deteve se á porta d'uma igreja de aldeia. O homem entrou e occultou-se humildemente por entre os pobres, em quem, pela vez primeira, viu irmãos. Uma voz doce fallava aos aldeãos da Providencia, da misericordia infinita d'um Deus. O homem chorou por muito tempo, com o rosto occulto entre as mãos, e sahio antes do fim do officio.

Soluçava a andar e dizia em voz alta: Sim, ha um Deus, e a misericordia d'esse Deus é infinita... Senhor, tende piedade de mim!

Um dia o cão quedou se á porta d'um castello. O mendigo entrou dentro d'elle sem hesitar. O primeiro rosto que se lhe deparou foi o d'um dos seus inimigos, d'um d'aquelles a quem tinha mortalmente offendido no tempo do seu poderio.—Perdoa-me, diz-lhe elle humildemente; em nome de Deus, perdôa-me, porque estou arrependido. O outro diz-lhe:—Meu irmão, tudo está esquecido; deixa esses andrajos e acceita um logar á minha mesa e debaixo do meu tecto.

Não sou digno d'isso, diz o mendigo, e demais sinto que me é preciso caminhar para a frente.

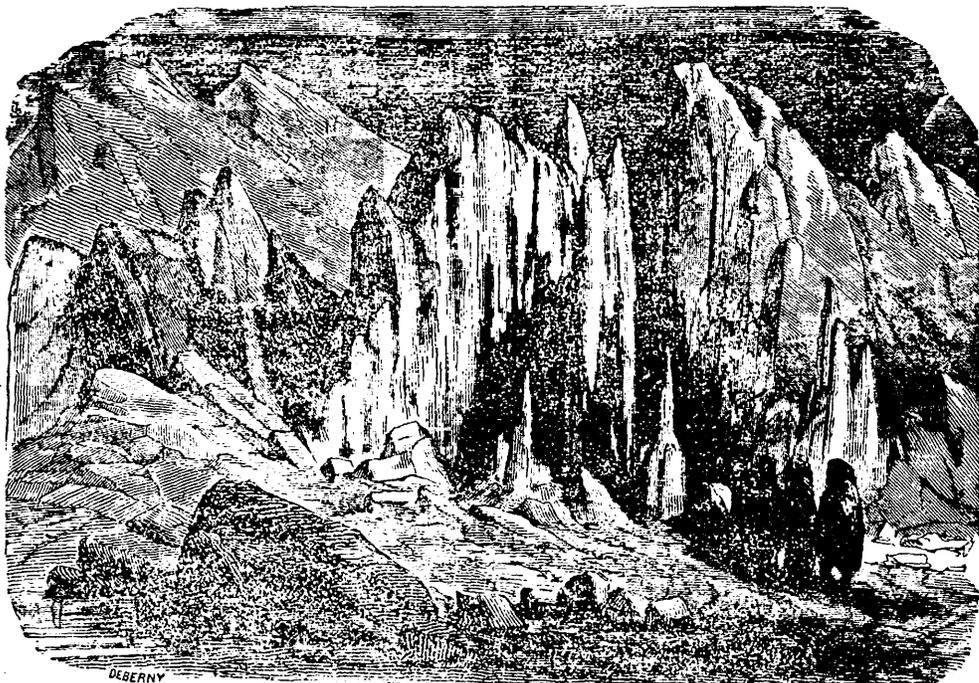
silencio. Levaram-no segundo o uso a casa dos paes para tomar parte no banquete.

Deixou-se elle conduzir. Logo á sua entrada, o filho reconheceu-o e lançou-se-lhe nos braços, chorando de alegria. O cão tinha desaparecido.

Eis o que diz a lenda, sem mais uma palavra. Agora vós, corações bons, fazei as vossas reflexões.

(Traducção)

EURICO.



O inverno na Groenlandia

—Oh! meu Deus, exclamou elle, quando proseguiu no seu caminho, multiplicaes as minhas provas e fazei-me digno de tornar a ver o meu filho antes de morrer!

Deus ouviu-o e attendeu-o. Mezes e mezes caminhou atravez d'um paiz cujos habitantes eram duros de coração e asperos de palavras: até mesmo as creanças o apupavam e enchiam de insultos.

Um dia chegou perto d'uma aldeia. Viu de longe algumas pessoas reunidas no adro da igreja, parecendo aguardar alguém.

Distingui uma ama com uma creança ao collo. Esta creança vinha para ser baptisada; ao lado estava uma rapariga que mostrava ser a madrinha, mas não viu o padrinho.

O sacristão veio direito a elle e disse-lhe que era costume do paiz tomar-se por padrinho o primeiro pobre que apparecesse na estrada, porque, dizia elle, o pobre é a imagem viva de Nosso Senhor.

O homem tremeu dos pés á cabeça pela sua indignidade, mas seguiu docilmente o sacristão. O cão, com alegres latidos, tomou a dianteira. Quando acabou a cerimonia e foi mister lavar-se o registro, o mendigo reconheceu que acabava de servir de padrinho ao seu neto; mas ficou em

Secção social-christã

Um plebiscito sobre o descanso dominical

O nosso excellente collega de Paris *La Croix* organisou um plebiscito sobre o descanso dominical.

Esta informação do grande periodico catholico francez manifesta de um modo terminante, e que não deixa logar a duvidas, o estado da opinião a respeito de um dos problemas mais importantes da economia social, e ao mesmo tempo preceito substancial da moral catholica.

N'este plebiscito observa-se desde logo uma linha de separação entre os informadores *sociaes* e os *liberaes* ou individualistas. Em presença de uma lei natural que não deixou de ser observada desde os primeiros tempos da humanidade, posto que o legislador do povo hebreu não fez mais que recordal-a, ao escrevel-a no decalogo, os espiritos não obsecados per prejuizos anti-religiosos poderam ao menos declarar que seria loucura esteril oppôr-se ao que é commum sentimento e pratica constante de todos os povos da terra.

Entre estes informadores *sociaes* uns votam o descanso

como lei religiosa, outros como lei hygienica, outros defendem-na pelo seu aspecto economico, historico ou social, e todos coincidem em proclamar suas vantagens, considerando-a como condição indispensavel de bem estar e progresso.

Ao appello de *La Croix* acudiram com seus votos e opiniões pessoas dignas do maior respeito. O Cardeal Richard afirma que a lei do domingo seria a carta de alforria das classes trabalhadoras; o Cardeal Perraud opina que o argumento opposto á lei e tirado da chamada *liberdade do operario* é o mais abominavel dos sophismas.

Em igual sentido se exprime o eminente Conde de Mun, que ha quatorze annos redigiu um projecto de lei de descanso dominical, «atacado pelos republicanos por seguirem fieis os seus costumes politicos.» Defendem tambem a lei o Principe de Liechtenstein, deputado do parlamento austriaco; o abbade alsaciano Mgr. Wetterlé; o deputado belga e grande publicista Helleputt, e outros varões conspícuos, entre os quaes figuram os socialistas Vandervele e Picard; o conde Medolago-Albani, presidente dos demokratas christãos da Italia; M. Biétry, presidente dos *syndicatos amarellos* e outros litteratos, jornalistas, professores e homens de merito indiscutivel.

Contra a lei levantam-se os velhos individualistas, os defensores da liberdade individual, inimigos de toda a intervenção do Estado na vida do trabalho que, na sua opinião, ha-de desenvolver-se em um meio de absoluta liberdade.

Para estes liberaes verdadeiramente revolucionarios, a sociedade não se tem movido ha cincoenta annos para cá. Estão ainda nos beatificos tempos do *laissez faire, laissez passer*, e não se convencem de que os progressos da industria exigem novas instituições juridicas que cerceem a liberdade individual mal entendida em proveito do bem do maior numero, isto é, dos humildes e trabalhadores. «Essa liberdade — diz o conde Medolago-Albani — arrasta sómente o triumpho do que convém ao mais forte» e por isso deve vir a força coactiva do estado fazer respeitar os direitos dos debeis, entre os quaes direitos occupa lugar mais importante o do descanso dominical, que todos os operarios reclamam.

Como digno complemento d'esta informação foi publicado o projecto de lei de descanso semanal, redigido pelo *Conselho Superior do Trabalho* da França, e que seus proprios auctores resumem nos seguintes termos:

«Que os trabalhadores devem ter um dia de descanso em cada semana; que a lei deve intervir para assegurar este descanso semanal; que, salvo excepções, em caso de força maior, o dia de descanso deve ser o domingo.»

Bom será que os inimigos da lei de descanso dominical se convençam de que a invejam homens de merito intellectual mui superior aos que por ahí ha.

Pius.



As nossas gravuras

Pulpito da Igreja de Santa Cruz em Coimbra

(Vidé n.º 3)

Foi este templo fundado pelos conegos regrantes de Santo Agostinho, auxiliados pelo nosso primeiro rei D. Affonso Henrique.

Reconstruiu-o mais tarde D. Manuel, mandando para este fim vir architectos e esculptores francezes, que tornaram este templo rico em architectura e estatuaría no estylo da Renascença.

Sobresahê d'entre todos estes primores artisticos o

pulpito, de que damos a gravura. E' provavelmente obra de João de Ruão, e uma preciosidade sem igual entre nós.

A composição era maior: faltam talvez as pilastras lateraes e decididamente a cupula historiada.

O celebre critico de arte, conde de Radczinski considerava-o uma obra prima da arte.

Este templo de Santa Cruz de Coimbra seria um grande museu d'arte, pelas preciosidades que encerra, se não tivesse dado farto pasto á voracidade de *grandes e de pequenos*...



Secção poetica

Tarde d'Outomno

Das nuvens o denso manto,
Cobre a abobada celeste:
Geme o vento um triste canto,
Uma canção bem agreste.

Sentado junto da praia
Nem uma estrella entrevista,
Só, ao longe, onde o sol raia,
Rosea casinha sorria.

Solta o mar seu brado immenso,
Ondas sobre ondas rolavam,
E, na praia, um traço extenso
D'espuma branca deixavam.

Como a estrella da manhã,
Que em céu sereno luzia,
Toda frescura louçã,
Rosea casinha sorria.

Tarde que tão triste findas,
Deixa teu manto funereo—
O' Lua, que o espaço alindas,
Manda um teu raio siderio!

Como graciosa imagem,
Cheia d'encanto e poesia,
A's caricias da aragem,
Rosea casinha sorria.

Tristes alcyones entoam
O hymno da solidão:
E folhas seccas revoam,
Com leve bulha no chão.

Erma, deserta era a costa,
Nem uma vela se via:
Ao longe, em meio da encosta,
Rosea casinha sorria.

¡Que saudades eu levava,
D'esta tarde, ao pé do mar,
Que a mente me embalava,
Com seu eterno cantar!

Deixava a brisa tremente,
Uma esp'rança que fulgia.—
Entre as brumas do poente
Rosea casinha sorria.

Porto, 12—9—96.

ANTONIO J. D'ALMEIDA C. E LEMOS FERREIRA.

Boletim scientifico

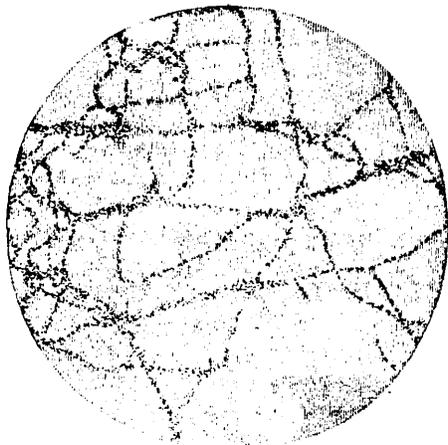
A influenza

No nosso boletim de hoje vamos fallar d'esta doença. Depois de indicarmos a sua historia, notaremos os seus symptomas e os seus remedios.

Em 1520, nove mil pessoas morreram da gripe em Roma. Mas já no seculo XIV um medico, Valesco de Tarento escrevia: «Eu vi em Montpellier, no anno de 1387, um catharro tão geral, que apenas a decima parte da população foi isempta, e quasi todos os velhos morreram d'ella.» Este catharro não era outra cousa senão a gripe ou influenza. Chamavam-lhe ainda *Tac* ou *Horion*.

De 1781 a 1784 a epidemia grassou d'uma maneira feroz em França. Fez trinta mil victimas em Toulouse. Durante o inverno de 1776, um medico offerecera um elevado premio a quem provasse ter sido isempto da influenza. E os influenzados eram tão numerosos que ninguém se aproveitou do premio generoso.

Em 1803 a gripe grassou ainda em Paris e fez um numero espantoso de victimas sobretudo entre as pessoas de letras e de theatro.



O BACILLO DA INFLUENZA

Já não fallamos das terriveis epidemias de 1889-1890 e as que se seguiram. Foi grande o numero dos que morreram d'esta doença epidemica acerca da qual Lord Chersfield escrevia em 1767. «E' uma pequena febre a que se dá o bonito nome de influenza, da qual ninguém morre, mas que uma pequena diarrhea arrebatava geralmente.»

O que é, pois, a influenza?

Uma doença epidemica causada por um microbio.

O microbio da influenza foi descoberto em 1892 por Pfeiffer. Encontra-se nas expectorações. E' um bastonete, d'uma finura extrema, o mais fino de todos os bacillos que se conhecem. E' muito curto, apenas duas ou tres vezes mais comprido que largo. Allia-se com grande numero de outros microbios todos mais ou menos perigosos. E' isso o que explica como a influenza se complica tanto amiude de pneumonias, broncho-pneumonias, de suppurações, e como tambem serve muitas vezes de porta de entrada á tuberculose pulmonar.

Quando se aspirou o microbio, quando elle se acha na bocca, aloja-se na lingua, que lhe dá excellentes escondrijos. Póde-se ver perfeitamente, diz o Dr. Caze, como estes microbios são numerosos, olhando a lingua ao microscopio. Comtudo, como o microbio é redondo, a deglutição continua arrasta-o sem cerrar sobre a lingua. E' assim levado por sobre a membrana mucosa para a larynge, bronchios e pulmões. Ahi multiplica-se e espalha-se por toda a arvore respiratoria.

A sua multiplicação opera-se por alongamento e divisão pelo meio do germen alongado, o que se faz em vinte

minutos. Repetindo cada novo germen a mesma operação, em vinte e quatro horas ha no corpo humano infectado, 16 milhões e 500:000 germens sahidos do mesmo bacillo. Em dois dias esta familia póde contar 281 biliões e 500 milhões de individuos. Mas apressemo-nos a ajuntar, com o Dr. Caze, que esta procreação por biliões é prejudicada, graças á falta de alimentos ou á accumulção dos productos excretados pelo bacillo e que lhe são tão funestos a elle proprio como ao homem. Um facto incontestavel é que, quando elle é senhor d'um organismo, reproduz-se rapidamente em proporções collossaes.

Nas suas formas leves, a influenza assemelha-se á bronchite. Nas suas formas graves é acompanhada de febre intensa, de delirio ás vezes, de tendencia ás syncofes, e d'uma prostração que póde fazel-a assemelhar-se a uma febre typhoide.

E' um erro infelizmente muito espalhado crer que a influenza é uma deença sem gravidade e que se póde descurar.

Mesmo quando se está levemente influenciado convém não esquecer que se está exposto a complicações perigosas. Reduzido aos symptomas ordinarios: tosse, dores de cabeça, caimbras nos membros, dôres musculares no pescoço, a gripe póde ter consequencias mais graves. Nós ctaremos sómente a fluxão do peito que arrebatava tantos velhos influenciados, já enfraquecidos por uma molestia anterior, a nephrite ou inflamação dos rins, a otite ou inflamação do ouvido medio, que póde terminar pela perfuração do tympano, e a meningite.

Em alguns casos, em vez de atacar o aparelho respiratorio, a influenza dirige-se principalmente ao aparelho digestivo. Então experimentam-se os symptomas d'um embaraço gastrico: vomitos, dores de estomago, lingua secca e vermelha, etc. Ou antes predominam os symptomas abdominaes: diarrhea intensa, colicas, abahulamento do ventre, symptomas estes que recordam a febre typhoide. Em certas formas de epidemias, a influenza parece ferir o systema nervoso. Póde determinar tambem paralyisias, meningites, nevralgias (nevralgia do nervo trigemeo), etc.

Têm-se recommendado uma multidão innumeravel de remedios infalliveis contra a influenza. Julgou-se cural-a empregando sempre o mesmo tratamento. E' um erro: o mesmo tratamento não convém a todas as gripes e muitos doentes tiveram que arrepender-se por terem querido curar-se segundo as indicações geraes lidas em um jornal. E' um conselho muito util que julgamos dar aos nossos leitores, recommendando-lhes que não se atembam á anti-pyrina, ás bebidas quentes e aos xaropes peitoraes recommendados ao acaso. Acontece para a gripe como para todas as doenças; segundo o temperamento do doente, o estado dos seus órgãos e sobretudo as localisações da doença, o tratamento deve variar. Assim não indicaremos senão com todas as reservas os medicamentos que se pódem empregar contra a influenza.

No começo poder-se-ha tomar doses repetidas de quinine para combater a febre sempre viva e o cansaço geral (bromhydrato de quinine, 20 centigrammas para uma obreia) ao qual se poderá ajuntar: phenacetina ou analgesina por quantidades eguaes em caso de violentas dores de cabeça. Se as dores persistirem apoz o periodo febril do começo, dirija-se á aconitina (granulos de $\frac{1}{4}$ de milligramma até 3, a $\frac{1}{2}$ hora de intervalo) mas nunca sem prescripção do medico, porque é um medicamento dos mais perigosos.

No caso em que a influenza comece por phenomenos gasticos (vomitos, dores estomacaes...) tomar-se-hão bebidas gazosas, leite frio, agua de Vichy ou de Vals gelada, obreias contendo cada uma 30 centigr. de bicarbonato de soda, de salicylato de bismutho, de magnesia cal-

cinada. Tomar-se hão de 3 a 5 por dia. Em todos os casos é preciso observar uma dieta mais ou menos completa: o leite é a bebida que se deve escolher de preferencia a qualquer outra.

Nos casos em que a tosse é tenaz, dolorosa, tomar-se ha leite quente adicionado d'uma colher de sopa de xarope de Tolú, d'uma colher de café d'agua de louro-cerejo e de 10 gottas de alcoolatura de raiz de aconito para uma chavena de leite quente. Uma chavena de quatro em quatro horas até á concorrencia de 4 chavenas.

Em summa, para a gripe, mesmo benigna que seja, não é possível indicar-se um tratamento commum, por isso que precisa da intervenção do medico.

DR. * * *



Retrospecto da quinzena

As tres Domingas que precedem a Quaresma chamam-se: *Septuagesima*, *Sexagesima* e *Quinquagesima* por serem, respectivamente, a setima, a sexta e a quinta domingo antes da domingo da Paixão.

A intenção da Igreja, na instituição da *Septuagesima*, é levar-nos á compunção e á penitencia. E' por isso que reveste os seus ministros de paramentos roxos, symbolo de dó, e supprime nos seus officios os canticos de alegria. Não ha *Te Deum* nem *Gloria in excelsis*. A *Alleluia* é substituida na missa por um *Tracto* lento e lugubre.

Conformemo-nos com os desejos de nossa mãe, a Igreja, preparando-nos desde já para passar santamente a Quaresma.

Celebrou-se ha dias n'esta cidade um Congresso de Beneficencia a que presidiu o nosso venerando Prelado.

N'elle salientou-se o papel proeminente que nos tempos passados representara o vulto grandioso de Frei Miguel Contreiras, o instituidor das Misericordias.

A proposito vamos dar es traços biographicos do celebre trinitario.

Nascera Fr. Miguel Contreiras em Segovia no dia 22 de setembro de 1431. Tendo professado na Ordem da Santissima Trindade, pediu transferencia do seu convento para Lisboa, onde adquiriu grande fama de prégador.

Extremamente impressionado pela miseravel situação dos pobres que se viam enfermos, começou a pedir esmola para elles e para as viúvas e orphãos.

O povo, entre o qual já tinha grande prestigio, auxiliara-o effizazmente, bem como a rainha viúva D. Leonor, de quem fôra nomeado confessor.

No meio da sua propaganda caritativa Fr. Miguel Contreiras pediu á camara de Lisboa uma casa junto de Santo Antonio da Sé, onde se faziam as audiencias do civil, e ali instalou uma enfermaria mantida com esmolas e servida por devotos entusiastas por esta santa obra.

Diz-se que D. Manoel entrou lá uma vez sem ser esperado e que até ajudou a fazer uma cama.

Em 1498 fundou Fr. Miguel Contreiras a irmandade da Misericordia de Lisboa sob os auspicios da rainha D. Leonor, sendo os seus estatutos modelados pelos da que existia em Florença; mas em Portugal e Hespanha é a primeira instituição da sua natureza.

Mais tarde Fr. Miguel Contreiras contribuiu para que a rainha D. Leonor fundasse o hospital das Caldas da Rainha, no sitio onde ella mesma experimentara os effeitos salutaes das aguas sulfuradas, e foi a instancia d'elle que D. Manoel completou com toda a munificencia o ma-

gnifico hospital de Todos os Santos ao Rocio, começado por D. João II em 1492, como tambem edificou no sitio da Ribeira Velha o templo da Misericordia.

O hospital de Todos os Santos foi devorado por um incendio nos começos do reinado de D. José, e o templo da Misericordia arrazou-se no terremoto de 1755.

Falleceu Fr. Miguel Contreiras no dia 29 de janeiro de 1505. Foi sepultado na capella mór da igreja do convento da Trindade. Com a venda do convento em hasta publica nunca mais se soube das cssadas de Fr. Miguel Contreiras!

O *Univers* de 12 de janeiro refere uma prophcia do Papa, que não deve ficar esquecida.

A 7 de janeiro o Soberano Pontifice deu audiencia aos peregrinos que de diversas dioceses da França tinham ido a Roma para assistirem ás festas da beatificação do Cura d'Ars.

Em resposta ao discurso que n'essa audiencia o Cardeal Covilhé, Arcebispo de Lyão pronunciou, o Santo Padre entre outras coisas disse com profunda commoção:

«Peço-vos que vos unaes a mim n'esta convicção: Deus em breve operará prodigios que nos darão não só a confiança de crêr que a França não cessa de ser a filha mais velha da Igreja», mas a alegria de o verificar, não só em suas palavras mas até em seus actos.»

São tantos os estragos que a immoral lei do divorcio tem causado nos Estados Unidos que não só os catholicos, mas os mesmos protestantes, que não aberraram ainda do senso commum, envidam o melhor de seus esforços para se pôr cobro a tantos desatinos. O clero, sobretudo, trabalha com zelo n'esta obra de saneamento moral, sendo secundado pelo presidente Rosevelt.

Acaba este de dirigir ao congresso uma mensagem, chamando a sua atenção sobre a necessidade de uma estatistica dos casamentos e dos divorcios. Diz que a legislação sobre o divorcio em certos Estados é de uma complacencia perigosa, tendendo a diminuir o respeito pela santidade dos laços conjugaes. Exprime a esperanza de que todos cooperarão para uma legislação uniforme, que fortifique o casamento e a familia, que são a base da organização social.

Noticias particulares, que nos chegam do Brazil, dizem-nos que os catholicos se organisam alli activamente, para o fim de entrar na acção social.

Publicou-se já um diario catholico—o primeiro do Brazil—em S. Paulo, e se publicará outro no Rio de Janeiro.

Não estão os catholicos descontentes com a ampla liberdade que a republica lhes concede e antes confessam que a enorme maioria dos estadistas d'aquelle paiz é sympathica ao catholicismo.

Ultimamente, um deputado enfeudado á seita apresentou ao parlamento um projecto de lei para a extinção das ordens religiosas.

Foi rejeitado por enorme maioria, na qual se contava um ex-presidente da republica e numerosos ex ministros.

O governo actual, por seu turno, tambem declarou repellir o projecto, pois que, fundando-se a republica do Brazil na liberdade e egualdade, não podia admitir leis de excepção, fôsse para quem fôsse.

De todos os modos, bom é que os catholicos brasileiros se organisem.

Entrou no no terceiro anno de publicação o nosso prezado collega de Lisboa, *Democracia Christã*.

O numero commemorativo ao seu anniversario apresenta-se brilhantemente bom feito e impresso, e soberbamente illustrado com os retratos dos seguintes cavalheiros: Gomes dos Santos, redactor principal; Zuzarte de Mendonça,

secretario da redacção: Silva Callado, administrador e Padre Vacondeus, Padre Eduardo Coelho Ferreira, Padre Pinheiro Marques, A. Moreira Bello, Bataglia Ramos e Pereira Pinto (Balsemão), illustres collaboradores.

Ao presado collega endereçamos os nossos mais sinceros parabens pelo seu terceiro anniversario.

Causou verdadeira indignação o modo como os brigantinos acolheram a justa sentença que o dignissimo Prelado diocesano D. José Mariz infligira aos alumnos rebeldes que promoveram o extraordinario escandalo de que foi theatro o seminario de Bragança ha bem pouco tempo.

Realmente tal acontecimento, sem precedentes conhecidos, reclamava severo castigo, e outra cousa não deviam esperar os culpados.

Como, pois, revoltar-se contra elle, promovendo comícios, representações, protestos e outras manifestações de desagrado ao venerando Prelado?

Falla-se, talvez sem nenhuns visos de verdade, na resignação de S. Ex.^a Rev.^{ma}. Não achamos ser esta a boa solução do caso, nem S. Ex.^a Rev.^{ma} por modo nenhum deve fazer tal. A solução mais digna e mais viavel seria, como já a aventou um illustre collega nosso, seria a mudança da sé para Miranda, que é a legitima cidade episcopal, pois tem cathedral propria,—o que não acontece com Bragança—e foi a antiga sede do bispado em outras eras.

E' esta a nosso ver uma sahida nobilissima da questão para o nobre Prelado.

Com os nossos protestos de sympathia, apresentamos o nosso humilde apelo a S. Ex.^a Rev.^{ma}.

O nosso presadissimo collega de Lishôa, *O Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, tomou em consideração as observações que fizemos no nosso n.º 2, ácerca da celebre mascarada attribuida por alguns jornaes aos alumnos da Escola Medica do Porto, em que se ridicularisavam as festas catholicas.

Agradecemos sobremaneira a gentileza da atenção de que fomos alvo.



Bibliographia

A usura no tempo presente — E' este o oitavo opusculo da importante collecção «Ciencia e Religião», editada pela conhecida Livraria Povoense do nosso amigo snr. José Pereira de Castro.

E', pois, o presente opusculo um trabalho do conhecido sociologo E. Dehon. A sua doutrina é segura e tem grande actualidade. Recommendamos com interesse a assignatura d'esta collecção, custando apenas 900 reis a serie de 10 vol. Assigna-se na livraria acima citada — Pova de Varzim.

Theologia Moral Universal de Pedro Scavini — Recebemos os fasciculos 21 e 22 d'esta obra monumental, editada pelo snr. José Maria d'Almeida — Vizeu. Com os presentes fasciculos fica concluido o segundo volume. Ha assignatura permanente para esta obra, dirigindo-se os pedidos ao editor supra.

Allocução pronunciada no dia da solemne abertura das aulas do Seminario-Lyceu de Cabo Verde, pelo Dr. F. Ferreira da Silva, Vice-Reitor do Seminario e vigario capitular da diocese. Recebemos esta primorosa peça oratoria que muito agradecemos.

Echos de Roma — Recebemos o n.º correspondente a dezembro, o qual é dedicado á Immaculada Conceição. Este numero especial vem impresso em papel superior, repleto d'umas cincoenta gravuras d'uma perfeição extrema. Abre com um primorosissimo artigo do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo de Evora.

E', pois, um soberbo n.º commemorativo, figurando primacialmente entre os mais bellos, que por este motivo se publicaram em lingua portugueza. Acha-se á venda em todos os seminarios do reino pelo modico preço de 150 reis.

Recommendamos a sua acquisição, pois que é um monumento das festas jubilares.

O Evangelho, explicado, defendido, meditado ou exposição exegetica, apologetica e homiletica da Vida de N. S. Jesus-Christo, pelo Padre Dehaut.

Recebemos o fasciculo 10.º d'esta obra importante, traduzida pelo Rev.^{mo} snr. Padre Gomes Pereira, illustrado Professor do Lyceu Central do Porto.

O presente fasciculo faz-nos conhecer já a *Primeira Viagem e Baptismo de Jesus-Christo*, e posteriormente o *Jejum e Tentação de Jesus Christo*, com os commentarios exegeticos, parte polemica e planos homileticos relativos a cada um d'aquelles paragraphos.

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 1.º—Porto.—Preço de cada fasciculo, 100 reis.

Sem pretensões... versos por José Cordovil — Evora. 1904. — Sob esta epigrapha recebemos um livro de versos, offerta do seu illustrado auctor.

E' um feixe de rimas simples e despretençiosas, como até o seu proprio nome o indica, pois que são a exteriorisação perfeita d'uma «alma singela, apaixonada e crente», que assim explica o auctor em um anteloquio.

No emtanto transpira por todos elles um lyrismo encantador, um lyrismo da escola de João de Deus, que infelizmente na actualidade tem tão poucos cultores de merecimento.

A impressão, pois, que nos deixou a sua leitura foi em extremo lisongeira.

Almanaque de los Amigos del Papa, para el año de 1905. D. Miguel Casals, Pino 5, Barcellona. Recebemos a costumada visita annual d'este bellissimo almanach, um perfeitissimo bijou na parte artistica e litteraria. Apresenta notaveis illustrações de Argemi, numerosissimas gravuras, contendo o mais completo Santoral, e elegante capa a tres côres. Todo o almanach está impresso em papel mate superior. Preço 1 peseta. Pedidos ao editor acima. Agradecemos o exemplar recebido.

Amigos do "Progresso Catholico,"

Grangearam assignaturas para o novo anno os ex.^{mos} snr.^s:

José Pereira Dias—Seminario de Lamego.	5
Abade de Podence, Manuel Bernardo Pires	1
Padre Adolpho A. de Barros (mais)	3
Padre Antonio José da Silva Serra.	1
José Augusto Pinto Corrêa	1
Padre Luiz A. Lourenço Serro.	1

A estes nossos amigos muitos agradecimentos.

EXPEDIENTE

Lembramos aos nossos presados assignantes que o pagamento das assignaturas é adeantado. Sobre nós pendem innumeradas despezas, e é sempre apreciavel favor o adeantamento do preço da assignatura.

BRINDE

A todos os nossos assignantes novos, que o são desde o corrente anno, offerecemos como BRINDE o numero commemorativo da Immaculada Conceição, no caso em que paguem a sua assignatura até ao dia 15 de março proximo.

N.º 1 e 2, de 1903

Aos nossos assignantes que não colleccionarem, pedimos a fineza de nos devolverem os n.ºs 1 e 2 de 1903, que em troca remetteremos um livro.

ANNUNCIOS

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

PADRE AFFONSO MUZZARELLI
DA COMPANHIA DE JESUS

*Com Piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem
para todos os dias
E tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo
Affonso Maria de Liguorio e de outros
bons auctores*

Com permissão do Em.º e Rev.º Sr. Cardeal
D. AMERICO, Bispo do Porto

Preço, brochado, 100 reis;
encadernado, 160 reis.

A' venda na typographia catholica de José F. da Fonseca.

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ

OU

QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

*Extrahidas das Sagradas Escripturas
Sanctos Padres e Douctores da Egreja
e outros eminentes auctores*

E

Coordenada por A. L. F.

Preço, 200 réis

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMAO POR

CARLOS H. PIEPER

REVISTA PELO

Dr. Theologo Domingos de Souza Moreira Freire

—*—

Com permissão do Em.º Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

PREÇO 160 REIS

IMITAÇÃO DE CRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr.

D. ANTONO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrín, douradas	1000 »

VIDA

DO

GLORIOSO PATRIARCHA S. JOSÉ

*Extrahida e reduzida a compendio
do que escreveram os Sagrados Evangelistas,
Santos Padres e varões pios*

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço 500 reis

Pedidos á typ. Catholica de J. F. da Fonseca—Rua da Picaria,
74—PORTO.